



FLACSO
BRASIL

PROGRAMA DE PREVENÇÃO
À VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

Ser jovem hoje, no Brasil: desafios e possibilidades

2ª Edição



Mary Garcia Castro e Miriam Abramovay



FLACSO
BRASIL

**PROGRAMA DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS
SER JOVEM HOJE, NO BRASIL: DESAFIOS E
POSSIBILIDADES**

Mary Garcia Castro e Miriam Abramovay

Ser jovem hoje, no Brasil: desafios e possibilidades

2ª Edição

2021

FLACSO BRASIL

Direção

Salete Sirlei Valesan Camba

Conselho Acadêmico

André Lázaro

Andrea Azevedo

Camilo Negri

Carolina Albuquerque

Florencia Stubrin

Iréri Ceja Cárdenas

Julia Tibiriçá

Kathia Dudyk

Mary Garcia Castro

Miriam Abramovay

Rebecca Igreja

Renata Montechiare

Rita Gomes do Nascimento (Rita Potyguara)

Secretaria Acadêmica

Marcelle Tenorio

Coordenação de Comunicação

Marina Baldoni

Organização

Estudos e políticas sobre juventudes, educação e gênero: violências e resistências

Autoras

Mary Garcia Castro e Miriam Abramovay

Equipe técnica

Lia Magalhães - Diagramação 2ª edição

Margareth Doher - Revisão

ÍNDICE

1.Sobre o conceito de juventude.....	7
2.Perfil de juventudes no Brasil hoje: algumas dimensões	10
3.Desafios e potencialidades	13
Referências e recomendações de outras leituras sobre o tema	16
Algumas questões	18
Sugestões de dinâmicas	18
Dicas de filmes	19

PROGRAMA DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS SER JOVEM HOJE, NO BRASIL - DESAFIOS E POSSIBILIDADES.

Mary Garcia Castro e Miriam Abramovay

1. Sobre o conceito de juventude

É comum se considerar que jovem é toda pessoa que está em determinado grupo de idade. Mas não existe consenso na definição da faixa etária que constitui esse grupo. Por exemplo, a Organização Mundial de Saúde considera como jovens pessoas entre 15 a 24 anos, o que é discutido por alguns autores.

No Brasil, desde 2005, com a criação da Secretaria Nacional de Políticas de Juventude e do Conselho Nacional de Juventude, a população jovem é a de 15 a 29 anos, levando em conta o aumento do tempo dedicado à formação escolar e profissional, a permanência maior com as famílias de origem, assim como as dificuldades para se conseguir principalmente o primeiro emprego, o que implica na necessidade de mais proteção social quanto a vulnerabilidades e a ideia de que em tal faixa de idade não se deveria precisar trabalhar, mas estar apenas estudando para conseguir melhor colocação na vida e ter mais tempo para formação, ou em trabalhos que colaborassem na formação dos jovens e fosse gratificante.

Contudo se a idade pode ser útil para definir quem é criança, adolescente, jovem, adulto e velho para fins de políticas, serviços, reconhecimento de necessidades específicas, segundo fase do desenvolvimento biológico-psicossocial, por outro lado a depender da sociedade há jovens e jovens, e nem todos têm o direito de construir uma autonomia por caminhos seguros, ter tempo de brincar, se divertir, estudar, se formar, namorar, descobrir e até inventar novos direitos. Entre os que são considerados pela idade jovens, são diversas as experiências de vida e as trajetórias e muitas vezes tal diversidade de caminhos não é por querer, mas por imposição de desigualdades sociais (algumas documentadas no capítulo 2 deste documento).

O conceito de juventude varia na história e por culturas e países. A idealização de adolescentes e jovens como imaturos, inocentes, não sedutores, mas facilmente seduzidos e não aptos tanto para a reprodução como para o prazer sexual é relativamente recente na história da civilização ocidental, assim como o conceito de adolescência, um limbo entre a infância e o ser adulto, datando do século XVIII mais relacionado ao advento da burguesia (TRINDADE; BRUNS, 2003) condicionada à ideia de transmissão de herança, formação para o cuidado com as propriedades de raiz e as uniões instrumentais, com fins de garantia da riqueza, do nome, e também relacionada à criação da escola. Com a escola institucionaliza-se, mais além da família, a perspectiva de proteção, limites e disciplina.

Para muitos autores, juventude é uma invenção de adultos, que impõe significados ao ser jovem. Assim adolescência e até juventude são rotuladas como fases de transição para o mundo adulto, de preparação para tal mundo, ou seja, o adolescente e o jovem não são, mas um projeto, um vir a ser que por sua imaturidade, presumida, precisa ser tutelado. Será?

Bozon (2004, p 120) chama atenção para o fato de vivermos em sociedades que ao mesmo tempo em que exigem autonomia dos indivíduos, esses continuariam sujeitos a distintos tipos de controle, “julgamentos sociais estritos que diferem segundo sua idade e gênero”. De fato para os adultos a juventude é fase temida, ainda que invejada, e em nome da proteção se estaria substituindo diálogo por imposição de autoridade, repressões, proibições.

Considerando que há diferenças entre os jovens, quer seja por classe social, raça, gênero e outros fatores, hoje é comum dar ênfase à utilização do termo “juventudes” – no plural. De fato o reconhecimento de diversidades, diferenças e desigualdades tem enriquecido o debate sobre políticas de juventude. Contudo, há que estar atento para o

fato de que os jovens compartilhem muitas coisas em comum, além de pertencer a uma faixa etária. Muitos compartilham culturas juvenis (danças, músicas, gostos, por exemplo), formas de se expressar, impulso por mudanças, adrenalina ou impulso por correr riscos, e são mais inclinados a aspirações formatadas por estímulos que exaltam o “único” de ser jovem. Outras características compartilhadas são as experiências da condição juvenil por meio da inconstância, buscas de formas de ser, bem como a vontade de ativar transformações e questionamentos em relação a outras gerações, o que contribui para que se sintam tanto parte de um grupo com algumas vontades e características comuns e de um tempo seu, uma geração. É quando se diz a geração dos jovens de hoje seria diferente da geração dos de 60, menos por comparações que desmerecem uma em relação a outra, mas para advertir contra “adultoocracias”, ou imposições de modelos, pelos mais velhos, porque “no meu tempo era diferente, melhor”.

Cada experiência de ser jovem se realiza em um tempo, com certas possibilidades e limitações. Muitos da geração dos anos 60, que viveram no tempo da ditadura militar, se viram obrigados a lutar para garantir projetos de liberdade para a nação. Hoje as circunstâncias são outras e muitos, que querem um melhor país, lutam também, mas por diferentes e diversas formas, inclusive por políticas públicas, no seu bairro, na sua escola, por direitos de negros, de mulheres, dos grupos LGBTQIA+, em movimentos ecológicos, entre outros, em partidos políticos e agremiações com fins culturais ou estão em projetos pessoais. Mas os de ontem como os de hoje têm que enfrentar condições sociais, sendo, portanto relativo ontem como hoje, para a maioria, a autonomia para ser o que se quer.

Mas se os jovens se deparam com limitações também têm a seu favor a garra, a vontade de mudar, ainda que por diversos caminhos.

Ganha, portanto, propriedade falar em juventude-juventudes. O que alerta para a importância de considerar ambiências sociais e sistemas de relações pelas quais diferentes jovens circulem, assim como instituições mais significativas para suas vidas, como a família, a escola, o grupo de amigos, entre outros.

Insiste-se que é necessário que se esteja atento ao uso do termo “diversidade” e como este pode se confundir com ou camuflar os processos de desigualdades sociais, o que bem se pode visualizar a partir de alguns dados, a seguir comentados.

2. Perfil de juventudes no Brasil hoje: algumas dimensões¹

Segundo o último censo de população, de 2010, chega a 51.350.478 milhões os que estão entre 15 a 29 anos. Segundo o censo do mesmo ano, a população brasileira era de 190.732.694, ou seja, cerca de 200 milhões de pessoas. Os que estão entre 15 a 29 anos representavam ¼ dessa, isto é, cerca de 27%.

A população jovem se concentra na área urbana. De cada 10 jovens, cerca de oito vivem nas cidades. Na zona urbana metade é feminina, já rural, elas são um pouco menos representadas (47%).

Considerando a situação educacional obteve-se melhoras nos últimos 10 anos, mas ainda há dados preocupantes, em especial quando se considera raça/cor, gênero classe social e distribuição regional. Por exemplo:

- *por região são diferentes os perfis educacionais. Considerando os jovens que, no Brasil, têm pelo menos 4 anos, nas regiões Norte e Nordeste, em 2012, eram 86% do total dos jovens, já nas regiões Sul e Sudeste, 95%;*
- *por sexo, os rapazes têm níveis mais baixos entre os sem instrução/analfabeto até o ensino médio incompleto. Já a partir do ensino médio completo, isto é, nos níveis mais elevados de escolarização, há mais jovens mulheres que homens;*
- *Mas a relação entre rendimentos e escolaridade é mais desfavorável para as jovens mulheres. Assim, no grupo dos analfabetos/sem instrução, a renda das mulheres é menos da metade da dos homens. Tal desigualdade entre o que ganham os jovens homens e as jovens mulheres se mantem mesmo quando se considera aquele grupo de 18 a 29 anos com escolaridade de nível superior. Em 2012, a renda média mensal das jovens nessa situação era um pouco mais de R\$ 1.900,00 e dos jovens cerca de R\$ 2.800,00;*
- *do total de 10,4 milhões de jovens de 15 a 17 anos estimados para 2012 no país, 84,2% frequentavam a escola, restando ainda 1,5 milhões fora das salas de aula;*
- *em 2012, um pouco mais de 10% dos jovens de 25 a 29 anos continuam estudando. Só 14,2% dos 15,9 milhões de jovens dessa faixa etária completaram o ensino superior;*
- *o uso da internet vem crescendo no país. Em 2008 eram 52,8% os jovens usuários de internet, em 2012 passaram para 69,7%. Contudo, segundo análise de WaisselFisz:¹ “os 10 % mais ricos ainda acessam duas vezes mais [a internet] que os 40% mais pobres”.*

¹ WAISELFISZ, Julio Jacobo. Relatório de Desenvolvimento Juvenil e do Índice de Desenvolvimento Juvenil (IDJ): 15 a 29 anos de idade. Brasília: SGPR, 2014. Colocar em negrito: Relatório de Desenvolvimento Juvenil e do Índice de Desenvolvimento Juvenil (IDJ)

Quanto à situação ocupacional em 2012, considerando pesquisa da Fundação Perseu Abramo, focalizando regiões metropolitanas,

36% dos jovens entre 15 e 24 anos têm emprego, outros 22% já trabalharam mas estão desempregados; na média, os jovens demoram 15 meses para conseguir o primeiro emprego ou uma nova ocupação, nas regiões metropolitanas. No total, 66% deles precisam trabalhar porque todo o seu ganho, ou parte dele, complementa a renda familiar (BOTELHO, 2013)².

Sexo/gênero é inscrição identitária ressaltada nas avaliações sobre mercado de trabalho, e a população juvenil corrobora a preocupação expressa em tantas análises, ou seja, que com a maior probabilidade as jovens tenham menos oportunidade de engajamento em trabalhos remunerados ou considerados “ocupações”, por injunções tanto no mundo público como no privado, o trabalho doméstico e o cuidado dos filhos na família. Tem propriedade em 2012 a célebre reflexão de Souza-Lobo (2011³) em estudo sobre o mercado de trabalho e gênero nos anos 1990: “a classe operária tem dois sexos”. As taxas de ocupação juvenil por sexo⁴ são bastante baixas para as mulheres em todas as unidades territoriais, em comparação àquelas registradas para os jovens. No Brasil há cerca de 30% menos mulheres jovens que homens ocupados e em todos os estados das regiões Norte, Nordeste e no estado do Mato Grosso (Centro-Oeste) as distâncias por sexo são bem maiores que 30% e negativas para as mulheres jovens.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2012 registrou um total de 48,9 milhões de jovens na faixa dos 15 aos 29 anos de idade. Desse total, a maior parte: 44,1% só trabalhava, 13,3% estudava e trabalhava, e parcelas semelhantes só estudava: 21,9%, ou não estudava nem trabalhava: 20,7%. Esses vêm sendo conhecidos como os “nem nem”.

A proporção de jovens “nem nem” varia de 28,5% em Alagoas até 14,1% em Santa Catarina. Pouco acima ou pouco abaixo da média nacional de 20,7%, mas representando em todos os estados um enorme contingente de jovens que não encontra, ou não procura, modos de inserção em atividades de trabalho remunerado. Ainda segundo Weisselisz (2015): “68,5% dos jovens que não estudam nem trabalham de 15 a 29 anos de idade encontram-se concentrados entre os 40% mais pobres”.

² BOTELHO, Joaquim. **Os jovens e o mercado de trabalho**. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/aprendiz/guiaempregos/palavra/jbotelho/ge140202.htm>>. Acesso em: 17 ago. 2014.

³ SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência**. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

⁴ Taxa de ocupação juvenil = jovens que trabalham /total de jovens

No plano das violências são impressionantes as estatísticas sobre homicídios dos jovens. Segundo o “Mapa da Violência. Crianças e Adolescentes no Brasil, 2012” (WAISELFISZ, 2012), o Brasil, em 2009, continua ostentando a posição de quarto país no mundo quando classificado por crianças e adolescentes (10 a 14 anos) mortos por homicídio – 3,4 por 100.000 pessoas naquela faixa etária. Se a faixa considerada são pessoas em idades jovens (15 a 24 anos), no contexto internacional, o Brasil ocupa a sexta posição, tanto no total de homicídios, quanto nos homicídios juvenis, nos 100 países que apresentam dados oriundos da Organização Mundial da Saúde. Segundo Waiselfisz, (2011, p. 154):

Continua a crescer a vitimização juvenil por homicídios [considerando o período 1998-2008]. Se em 1998 a taxa de homicídios de jovens era 232% maior que a taxa de homicídios da população não jovem (menos de 15 e mais de 24 anos de idade), em 2008 as taxas juvenis já são 258% maiores. Se essa é a média nacional, há ainda as Unidades Federadas com índices de vitimização acima de 300%. Ou diversos estados com jovens representando mais da metade das vítimas de homicídio.

Violência e segurança são temas que vêm mais capitalizando debates e denúncias de pesquisadores e movimentos sociais hoje no Brasil, e a vitimização de jovens negros, sua representação entre os que matam e principalmente entre os que mais morrem, inclusive por ação do próprio sistema de segurança, a polícia, ou seja, por um tipo de racismo institucionalizado, viria sendo visibilizada, indignando muito, mas, já fazendo parte de um cenário brasileiro banalizado.

No “Mapa da Violência 2011: Jovens no Brasil” (WAISELFISZ, 2011), indica-se que a vitimização dos negros, por homicídios, viria aumentando:

Para cada branco assassinado em 2008, morreram, proporcionalmente, mais de dois negros nas mesmas circunstâncias. Pelo balanço histórico dos últimos anos, a tendência desses níveis pesados de vitimização é crescer ainda mais (WAISELFISZ, 2011. p. 57-63).

Em 2011, para cada jovem branco que morre assassinado, morrem 2,7 jovens negros.

Entre 2011 a 2012, as taxas negras aumentam de 74,1 em 2011 para 80,7 em 2012: crescimento de 8,9%. As brancas também crescem, mas com ritmo menor: 4,7%” (WAISELFISZ, 2014, p. 124).

3. Desafios e potencialidades

Em síntese, nos quadros abaixo, desafios para reconhecimento dos direitos humanos dos jovens e para políticas e potencialidades dos jovens, hoje.

Desafio 1 – CONCEPÇÃO DE JUVENTUDE

1. Não conceber os jovens como atores com identidade própria (geralmente são vistos como adultos, crianças ou adolescentes).
2. Não considerar a diversidade entre juventudes segundo condições de vida, discriminações, necessidades e projetos e o que tem em comum.
3. Não ouvir os jovens. O jovem, como o outro construído – pensar a juventude por dualismos “adulocrata” e maniqueístas; provocando-se antagonismos intergeracionais.
4. Desconsiderar direitos humanos singulares a jovens: estudar, divertir-se, ter espaço para adrenalina e libido, busca por reconhecimento, direito de inventar direitos e a construção de autonomia.

Desafio 2 - REALIDADE BRASIL DA JUVENTUDE/DE JUVENTUDES

Em 2009 (Fonte: IBGE, PNAD 2009, Censo 2010)
• 30,6% viviam em famílias com menos de três salários mínimos de renda domiciliar;
• 15,7% em famílias com renda domiciliar <i>per capita</i> superior a dois salários mínimos;
• 34% (7,9 milhões) frequentavam a escola;
• 5% (753,4 mil) eram analfabetos;
• 30% (5,4 milhões) não haviam concluído o ensino fundamental;
• 3,5% (547 mil) haviam cursado só um ano do ensino superior.

Desafio 3 – VIOLÊNCIA

As curvas ascendentes de violência e criminalidade constituem um problema crítico do século XXI, tão mais grave, na medida em que além de afetar a integridade física, emocional e patrimonial de indivíduos, também coloca em questão a noção de cidadania e o próprio papel do Estado.

O Brasil, com referência aos homicídios de jovens na faixa de 15 a 24 anos de idade, ocupa a sétima posição entre os 95 países do mundo em 2012.

A taxa de homicídio entre os jovens é 547 vezes maior que Hong Kong; 273 vezes superior à Inglaterra e ao Japão; 137 vezes maior que Alemanha e Áustria.

Desafio 4 – CULTURA DE VIOLÊNCIAS

Existe na nossa sociedade uma cultura da violência, alimentada pelo individualismo, consumismo e competição exacerbada.

A cultura da violência expõe os indivíduos a constantes danos físicos e morais, pressupõe que somente a força resolve os conflitos do cotidiano. Assim se parte da ideia de que a violência é um fenômeno inevitável e faz parte de nossas vidas.

Desafio 5 – CONTEXTO GLOBAL - JOVENS E O MUNDO ESPETÁCULO

Os jovens vivem, numa época de profundas transformações, aí incluídas as de cunho econômico e moral, as quais afetam, de modo indelével, sua forma de estar, de viver o ser jovem e transição para a vida adulta.

Sujeitos de uma sociedade de consumo ostentatória – cujo principal traço é suscitar aspirações que, muitas vezes, deságuam em frustrações, irrealizáveis para a grande maioria –, transitam no seio de uma arquitetura social cuja desigualdade e o acirramento das diferenças constituem algumas de suas faces mais visíveis.

POTENCIALIDADES DOS JOVENS HOJE

• Rebeliões sobre estereótipos, tabus, preconceitos.
• Vontade de saber e construir o novo.
• Busca por autonomia e por participação crítica, curiosidade, adrenalina.
• Orientação gregária – fratrias (grupos de amigos).
• Apelo para diversas linguagens, como as TICs (novas tecnologias de informações) e artes, trânsitos entre vários tipos de organização (movimentos sociais e organizações não governamentais, inclusive partidos) recorrendo a culturas juvenis.
• Buscam autonomia, mas exigem redes de proteção social.
• Mobilização: participação política, buscas por formas diversificadas de fazer política.

Muitos jovens no Brasil hoje existem e não existem, ou deixam de existir, sem que se dê muita conta, mas a juventude é uma potencialidade. Ser jovem potencializa questionar projetos políticos-culturais que sufocam transformações, ainda que não necessariamente todos os indivíduos em idades jovens buscam mudanças, e por outro lado nem todos etariamente jovens podem ser jovens.

Referências e recomendações de outras leituras sobre o tema

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary (Orgs.) **Juventude, juventudes: o que une e o que separa.** Brasília: Unesco/Ibope, 2006

ABRAMOVAY, M. et al. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas.** Brasília: RITLA/SEDF, 2009.

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Gangues, gênero e juventudes: donas de rocha e sujeitos cabulosos.** Brasília: SDH/PR, 2010.

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; WAISELFISZ, Júlio Jacobo. **Juventudes na escola, sentidos e buscas: por que frequentam?** Brasília: Flacso, MEC, 2014.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

BOTELHO, Joaquim. **Os jovens e o mercado de trabalho.** Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/aprendiz/guiadeempregos/palavra/jbotelho/ge140202.html>>

BOZON, Michel. A nova normatividade das condutas sexuais ou a dificuldade de dar coerência às experiências íntimas. In: HEILBORN, Maria Luiza; AQUINO, Estela M. L.; BOZON, Michel; KNAUTH, Daniela Riva (Orgs.). **O aprendizado da sexualidade.** Reprodução e Trajetórias Sociais de Jovens Brasileiros. São Paulo: Ed Garamond, 2006. p. 119-150.

CAMARANO, A. A. (Org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Brasília: IPEA, 2006.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Loreta Bernadete da. **Juventudes e sexualidade.** Brasília: Unesco, 2004.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. Quebrando mitos. Juventude, participação e políticas. **Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas para a Juventude.** Brasília: Conselho Nacional de Juventude, Secretaria Nacional de Políticas para Juventude, 2009.

CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE. **Política Nacional de Juventude: diretrizes e perspectivas**. Brasília: Conjuve, 2006.

DAYRELL, Juarez. A escola 'faz' as juventudes? Reflexões em torno da socialização Juvenil. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 28, n. 100, out. 2007.

NOVAES, R. Trajetórias juvenis: desigualdades sociais frente aos dilemas de uma geração. **Textos Complementares para a Formação de Gestores**. Projovem Urbano. Brasília, 2008.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Trabalho decente e juventude-Brasil**. Brasília: OIT, 2009.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1997.

TRINDADE, Ellika; BRUNS, Maria Alves de Toledo. **Sexualidade de jovens em tempos de AIDS**. Campinas: Ed. Átomo, 2003.

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Políticas Públicas: de/para/com juventudes**. Brasília: Unesco, 2004.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2012: os novos padrões da violência homicida no Brasil**. São Paulo: SANGARI, 2012.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2014: os jovens do Brasil**. Rio de Janeiro: Flacso Brasil, 2014.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Relatório de Desenvolvimento Juvenil e do Índice de Desenvolvimento Juvenil (IDJ): 15 a 29 anos de idade**. Brasília: SGPR, 2014.

Algumas questões

Questão 1 - O que é ser jovem?

Questão 2 - Quais são os principais desafios e dificuldades de ser jovem?

Questão 3 - Como a sociedade e a mídia enxergam e retratam o ser jovem ontem e hoje?

Questão 4 - Juventude e violência: o que você pensa sobre isso?

Questão 5 - Quais são as potencialidades da juventude?

Sugestões de dinâmicas

OFICINA - O que é ser jovem

Objetivo: debater sobre a juventude e direitos humanos com o uso de vídeo produzido com celular.

1º momento

A juventude não é levada a sério – 15 minutos.

Ouvir a música “Não é sério” – Charlie Brown Jr., distribuindo a letra numa folha para cada um. Em seguida, separar em grupos para discussão, conforme os temas abaixo.

Grupo 1 - Como a mídia mostra o jovem.

Grupo 2 - Como o jovem é tratado pela sociedade (polícia, escola e demais instituições). Grupo 3 - Quais são os direitos da juventude.

Grupo 4 - Que ações a juventude faz e pode fazer para transformar a realidade mostrada na música.

2º momento

Retrato das juventudes – 30 minutos.

Cada grupo deve produzir um vídeo de até 3 minutos com o celular que mostre as diferentes faces da juventude, seus gostos, seus objetivos, representando a diversidade existente entre a juventude.

Sugestões:

- Entrevistas com vários jovens nas quais eles falam o que pensam sobre os diversos tipos de juventude;
- História improvisada pelo grupo sobre o tema;
- Debate em roda sobre o tema.

3º momento

Encerramento – 5 minutos.

Se possível, exibir os vídeos produzidos. Se não, informar que no próximo encontro eles serão exibidos. Dialogar sobre o que acharam da oficina, da produção e das discussões realizadas.

Dicas de filmes

- Vídeo que traduz a juventude. Esse vídeo é o resultado de diversos estudos realizados nos últimos cinco anos pela empresa de pesquisas em tendências de comportamento e consumo BOX1824. Disponível em: <http://goo.gl/xVdhPU>

Se a idade pode ser útil para definir quem é criança, adolescente, jovem, adulto e velho para fins de políticas, serviços, reconhecimento de necessidades específicas, segundo fase do desenvolvimento biológico-psicossocial, por outro lado a depender da sociedade há jovens e jovens, e nem todos têm o direito de construir uma autonomia por caminhos seguros, ter tempo de brincar, se divertir, estudar, se formar, namorar, descobrir e até inventar novos direitos. Entre os que são considerados pela idade jovens, são diversas as experiências de vida e as trajetórias e muitas vezes tal diversidade de caminhos não é por querer, mas por imposição de desigualdades sociais.



FLACSO
BRASIL